

# GUSTAVO GUTIERREZ:

## SERVIDOR DOS PEQUENOS E TEOLOGO DA LIBERTAÇÃO

*“Andava pelo mundo em busca dos pobres de Jesus Cristo”*

Guamán Poma de Ayala (Ayacucho, 1534 – Lima, 1615)

José Oscar Beozzo<sup>1</sup>

Gustavo coloca as raízes da teologia latino-americana na realidade pungente dos povos originários.

Foi o impacto desta realidade que provocou o grito indignado de Anton de Montesinos, durante seu sermão no IV domingo do Advento, em dezembro de 1511. O sermão foi pregado na Ilha de Santo Domingo, do alto do púlpito da recém erigida catedral de La Española, a Primada das Américas, diante do vice rei das Índias, Diego de Colón, filho de Cristovão Colombo:

“Todos estais em pecado mortal e nele viveis e morreis, pela crueldade e tirania que usais contra esta gente inocente. [...] Como os tendes tão oprimidos e fatigados, sem dar-lhes de comer, nem os curar em suas enfermidades, que dos excessivos trabalhos, com que os carregais, morrem, ou melhor VÓS OS MATAIS, para tirar e adquirir mais e mais OURO cada dia”<sup>2</sup>

Ao deus “ouro”, ao deus “capital”, ontem e hoje, são sacrificadas as vidas exploradas e espoliadas dos pobres, realidade nua e crua que Bartolomé de Las Casas OP denunciou em Cuba, na Guatemala, no México, onde foi nomeado bispo em Chiapas (1543-1550), para a diocese que hoje leva seu nome: San Cristobal de Las Casas<sup>3</sup>.

Sua memória foi honrada e atualizada no episcopado de Mons. Samuel Ruiz (1959-2000) e do seu bispo coadjutor, da ordem dominicana, Mons. Raúl Veras OP (1995-1999), todos dois amigos pessoais de Gustavo. Os dois bispos tiveram que enfrentar as mesmas calúnias e perseguições dos

---

<sup>1</sup> José Oscar Beozzo é vigário da paróquia São Benedito, diocese de Lins, SP, teólogo e historiador, coordenador geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular – CESEEP y membro da CEHILA.

<sup>2</sup> GUTIERREZ, Gustavo, *En busca de los pobres de Jesucristo: evangelización y teología en el siglo XVI*, em RICHARD, Pablo (ed.), *Materiales para una historia de la teología en América Latina*. San José de Costa Rica: DE, 1981, pp. 137-163

<sup>3</sup> GUTIERREZ, Gustavo, *En busca de los pobres de Jesucristo. El pensamiento de Bartolomé de Las Casas*. Salamanca: Sígueme, 1993.

poderes econômicos, políticos e religiosos, como Las Casas, que aos seis meses, já havia sido expulso de sua diocese pelos “encomenderos” e potentados do lugar, por causa de sua defesa dos indígenas, de sua liberdade e dignidade.

O dominicano Las Casas tornou-se inspiração crescente da vida e reflexão teológica de Gustavo, que fundou o Instituto Bartolomé de las Casas - Rimac e terminou por entrar ele mesmo para a Ordem dos Pregadores de São Domingos de Guzmão (1998), depois de quase quarenta anos, como padre diocesano da Arquidiocese de Lima (1959-1998)<sup>4</sup>.

Saltando do Caribe e do México para o Peru, Gustavo seguiu também os passos de Guamán Poma de Ayala, o “índio dibujante”<sup>5</sup>, que saiu andando pelo mundo “en busca de los pobres de Jesucristo” e escreveu um arrasador libelo de acusação antropológica, social, política e teológica: “El diós de los españoles es el oro”<sup>6</sup>. Para ele, os únicos verdadeiros cristãos naquelas terras do assim chamado “Novo Mundo” dos espanhóis, eram os indígenas sem direitos e explorados, os “os pobres de Jesus Cristo”.

### **Rímac, a “Galileia das Nações” de Gustavo**

A espiritualidade, a pastoral e a teologia de Gustavo encontram-se não no diálogo com o poder, seja político, econômico, social ou eclesiástico, mas na sua crítica radical e profética. Sua teologia não finca raízes na Plaza de Armas de Lima, onde foram construídos, frente a frente, o Palacio de Governo e o Palácio do Arcebispo, o Palácio Municipal e a Catedral da “Ciudad de Los Reyes” (na verdade, os Reis Magos do dia 6 de janeiro, dia de sua fundação), como era chamada Lima, a capital do vice-reinado do Peru e a mais importante cidade da América do Sul até finais do século XIX, quando Buenos Aires arrebatou seu lugar. Ali, os poderes temporal e religioso conversavam entre si, apoiavam-se mutuamente e estavam quase sempre mancomunados, em detrimento dos pobres.

Visitei Gustavo, pela primeira vez, na pequena casa de sua paróquia, num lugar do “não poder” e dos destituídos.

---

<sup>4</sup> O término do pastoreio na arquidiocese de Lima do seu fiel amigo, o Cardeal Juan Landázuri Ricketts OFM (1955-1989), de cuja confiança, apoio e proteção sempre gozou, e seu falecimento em 1997, devem ter pesado também na decisão de Gustavo de deixar a Arquidiocese, cujos ventos iam-se tornando hostis, e ingressar como noviço na Ordem dominicana.

<sup>5</sup> POMA DE AYALA, Guaman Felipe [Waman Puma], *El Primer Nueva Corónica y buen gobierno* (1615). México: Siglo XXI e Instituto de Estudios Peruanos, 1980.

<sup>6</sup> GUTIERREZ, Gustavo, *Dios o el oro en las Indias*. Salamanca: Sígueme, 1989; 1990, 2ª ed.

Desde a colônia, a numerosa população indígena ao redor da capital estava confinada do outro lado do rio Rimac, no bairro do mesmo nome. Não deviam os indígenas, a não ser para os trabalhos braçais e domésticos, deslocar-se dali para a Plaza Mayor, lugar dos espanhóis e depois dos “criollos”, desde sua fundação por Pizarro em 1535. A cidade colonial dos brancos ficava dentro do “Cercado de Lima”, dentro dos muros que protegiam a cidade. Um dos seus lados, o lado norte, terminava no Rio Rimac. Fora do Cercado e do outro lado do rio, ainda se estendia uma parte da cidade, mas mais para o fundo, ficavam os indígenas, os excluídos da cidade branca e racista.

Assim como o lugar social de Jesus não foi a Jerusalém do Templo, do Sinédrio e dos Sumos sacerdotes, mas a “Galileia das nações”, submetida à exploração econômica e social dos romanos, como já o fora, no passado, dos gregos, quando sob o seu domínio e, muito antes dos gregos e mais longe no tempo, dos Reis que construíram o templo, palácios, muros e guarnições militares, muito às custas dos tributos impostos aos camponeses da Galileia.

Rimac foi a Galileia das Nações de Gustavo, o chão onde pisava, reduto do povo miúdo a quem servia como pároco. Foi a partir destes “vecinos”, de sua pobreza, de sua cotidiana luta pela sobrevivência, de sua fé povoada pelos deuses todos dos seus antepassados e também pela mensagem e a ação de Jesus de Nazaré, que meditou, pensou e compartilhou Gustavo, a sua teologia, como alimento, sustento e esperança para os pequenos. Foi ali também que a espiritualidade de Gustavo “bebeu no seu próprio poço”<sup>7</sup>.

### **Vaticano II: sentimentos misturados entre alegria e insatisfação**

Convidei Gustavo a colaborar num Seminário, cujo tema e horizonte era “A Igreja Latino-americana às vésperas do Concílio”, a realizar-se em Houston no Texas, no quadro de um balanço da situação das Igrejas do continente e dos “vota” dos seus bispos, às vésperas do Concílio. Estariam também incluídas no evento as Igrejas dos Estados Unidos e do Canadá. O Seminário era um dos muitos dentro do projeto de escrita da História do Concílio Vaticano II animado e impulsionado por Giuseppe Alberigo e pelo Istituto per le Scienze Religiose de Bologna. Hoje está concluída a tarefa com a publicação dessa história em cinco volumes<sup>8</sup>. Alberigo apreciava muito Gustavo, sua pessoa, sua espiritualidade, sua teologia e testemunho.

Gustavo ficou encarregado de traçar um panorama da situação da teologia na América Latina nos albores do Concílio. Ele recuperou a reflexão que brota do sermão de Montesinos e da atuação

---

<sup>7</sup> GUTIERREZ, Gustavo, *Beber en su propio pozo*. Lima: CEP – Centro de Estudios y Publicaciones, 1983.

<sup>8</sup> ALBERIGO, Giuseppe (editor), *Storia del Concilio Vaticano II*, PEETERS - IL MULINO, Bologna, - Itália, 1995-1998. A obra está traduzida em castelhano, português, francês, inglês, alemão, russo, polonês.

de Las Casas, em que o desafio para a credibilidade do evangelho é seu empenho pela justiça e defesa da vida ameaçada dos indígenas dentro do projeto colonial. Relembrou o impacto de Jacques Maritain com seu Humanismo Integral<sup>9</sup> e a contribuição de Yves Congar para alimentar o engajamento dos leigos e leigas nos desafios sociais e políticos do continente<sup>10</sup>.

Gustavo encontrava-se em Roma, nas semanas finais do Concílio. Ao falar dos seus sentimentos, face à euforia vivida nos dois últimos dias do Vaticano II, 7 e 8 de dezembro de 1965, fruto da laboriosa e incerta aprovação da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje, da Declaração *Dignitatis Humanae*, sobre a liberdade religiosa, do Decreto *Ad gentes* sobre a atividade missionária da Igreja e do Decreto *Presbiterorum Ordinis*, sobre a vida e o ministério dos Presbíteros, caracterizou-os como “sentimentos misturados”.

Gustavo comenta: “o ambiente que se respirava em Roma era de grande euforia. A maioria conciliar havia proposto seus grandes temas e, em que pese uma ou outra dificuldade, a perspectiva do Vaticano II abria novos caminhos. Senti, pessoalmente, nestes dois dias finais que a teologia, que aprendera na Europa, a que estava ligado, era a teologia que marcava o Concílio e, naturalmente, isso provocava em mim e em outras pessoas, grande alegria, pela abertura que isso significava. Gostaria de dizer também que, ao mesmo tempo, com essa atividade, que os franceses chamam de “sentiment melangé”, havia algo neste final do Concílio que provocava uma grande insatisfação. Por isso, digo que são sentimentos mesclados, porque sentia a alegria de ver que as ideias com que tinha comprometido minha vida eram as que estavam presentes no Concílio, mas sentia também que muitas coisas que vivíamos na América Latina ficaram totalmente ausentes do Concílio Vaticano II”<sup>11</sup>.

Essa insatisfação era a mesma de Dom Helder Camara, que batalhou em vão pela criação durante o Concílio de um Secretariado que se ocupasse das angústias de 2/3 da população mundial, a fome, a doença, o analfabetismo, o abismo das desigualdades entre um norte rico e um sul empobrecido. Assim, ao lado do Secretariado pela União dos Cristãos (0-05-1960), hoje Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, Paulo VI havia criado dois outros, no decurso do Concílio, para se alargar o horizonte do diálogo: o Secretariado para os Não-cristãos (19-05-1964), hoje Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso e o Secretariado para os Não-Crentes (09-04-1965), hoje Pontifício Conselho da Cultura.

---

<sup>9</sup> MARITAIN, Jacques, *L'Humanisme Intégral* : Paris, Cerf, 1936.

<sup>10</sup> CONGAR, Yves, *Jalons pour une théologie du laïcité*. Paris : Les Éditions du cerf, 1953.

<sup>11</sup> GUTIERREZ, Gustavo, A situação da teologia, in BEOZZO, José Oscar (Org.), *A Igreja Latino-americana às vésperas do Concílio – História do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Edições Paulinas, 1993, p. 44. O livro foi também publicado em espanhol: *Cristianismo e Iglesias de América Latina en vísperas de Vaticano II*, San José (Costa Rica), 1992.

Com o apoio de muitos bispos da América Latina, África e Ásia e, sobretudo, do grupo da “Igreja dos Pobres”<sup>12</sup>, o mesmo que firmou a 16 de novembro de 1965, o *Pacto das Catacumbas, Por uma Igreja servidora e pobre*<sup>13</sup>, Dom Helder conseguiu arrancar de Paulo VI que estes temas de certo modo marginais mesmo na GS, seriam por ele abordados logo após o término do Concílio e que seria criado um organismo pontifício para se ocupar do clamor dos pobres. De fato, Paulo VI cumpriu sua promessa, com a criação da Pontifícia Comissão Justiça e Paz (06-01-1967) e com a publicação da Encíclica *Populorum Progressio*, sobre o Desenvolvimento dos Povos (26-03-1967).

### **Medellín: o grito dos pobres e a luta por sua libertação**

Podemos apontar Gustavo, como um dos teólogos mais importantes de Medellín. Como nenhum outro, soube, porém, encarnar o essencial de Medellín e tornar-se, por sua fidelidade canina às intuições maiores daquele Conferência, o teólogo por excelência de Medellín.

Claro que foi um grande evento sinodal construído por muitas mãos, mentes e corações e teve seus altos e baixos e mesmo algumas lacunas gritantes. Gustavo, porém, traduziu e fundamentou teologicamente um dos passos cruciais de Medellín, o da opção pelos pobres<sup>14</sup>.

Nessa II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, a teologia de Gustavo ganhou nitidamente contornos latino-americanos, em comunhão com a melhor teologia europeia por ele aprendida em Lyon e em Louvain e expressa no Vaticano II, mas inovou também. Ganhou um selo de eclesialidade, fincado nessas duas grandes assembleias sinodais, Vaticano II e Medellín e que marcará para sempre sua Teologia da Libertação de 1971, que saiu publicada, quase simultaneamente, em espanhol, no Peru, e em italiano<sup>15</sup>. Logo depois, no Brasil, na Espanha e em muitos outros países e idiomas. Não é uma teologia acadêmica, nem livresca, não é uma teologia auto centrada, mas que emerge do grande rio da caminhada do povo e da Igreja na América Latina.

De Medellín, escreveu, Dom Pedro Casaldáliga, recentemente falecido:

“Medellín foi, sem dúvida, o Vaticano II da América Latina. Mais avançado do que o Vaticano II, porque no Vaticano II a opção pelos pobres foi de uma minoria, quase

---

<sup>12</sup> O grupo “Igreja dos Pobres” no Vaticano II, in BEOZZO, José Oscar, *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: UCAM, Petrópolis: CAALL, UVA, Sobral, 2005, pp. 190-192.

<sup>13</sup> PIKAZA, Xabier e SILVA, José Antunes da (Eds), *El Pacto de las Catacumbas. La misión de los pobres en la Iglesia*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2015; BEOZZO, José Oscar, *O Pacto das Catacumbas. Por uma Igreja servidora e pobre*. São Paulo: Paulinas: 2015.

<sup>14</sup> BEOZZO, José Oscar, Medellín: inspiração e raízes in REB 59, fasc. 232, dez. 1998, 822-850. SCATENA, Silvia, *In populo pauperum. La Chiesa Latinoamericana dal Concilio a Medellín (1962-1968)*. Bologna. Il Mulino, 2007.

<sup>15</sup> GUTIERREZ, Gustavo, *Teología de la liberación. Perspectivas*, Lima: Centro de Estudios y Publicaciones, 1971; *Teologia della Liberazione. Prospettive*. Brescia: Queriniana, 1972

clandestina, comandada por Dom Helder Camara. Medellín fez a opção pelos pobres, Medellín fez a opção pelas comunidades, Medellín fez a opção pela militância a partir da fé. Eu digo sempre que em toda a história da Igreja da América Latina e do Caribe não tem tido nenhum acontecimento como Medellín. É o nosso Pentecostes”<sup>16</sup>.

É de Gustavo, ao que tudo indica, a redação da fundamentação doutrinal no documento XIV de Medellín, Pobreza da Igreja. Em apertadas doze linhas divididas em 3 parágrafos a pobreza é vista como carência dos bens deste mundo, como pobreza espiritual e como compromisso ao lado dos empobrecidos, espoliados e oprimidos. Assim reza este precioso parágrafo em Medellín:

“1. Devemos distinguir:

A pobreza como carência dos bens deste mundo, necessários para uma vida humana digna é um mal em si. Os profetas a denunciam como contrária à vontade do Senhor e, muitas vezes, como fruto da injustiça e do pecado dos homens.

B. A pobreza espiritual, que é o tema dos pobres de Javé (cf. Sof 2,3; Magnificat). A pobreza espiritual é a atitude de abertura para Deus, a disponibilidade de quem tudo espera do Senhor (cf. MI 5). Embora valorize os bens deste mundo, não se apega a eles e reconhece o valor superior dos bens do Reino (cf. Am 2,6-7; 4,1; 5,7; Jer 5,28; Miq 6,12-13; Is 10,2 etc.).

C. A pobreza como compromisso, assumida voluntariamente e por amor à condição dos necessitados deste mundo, para testemunhar o mal que ela representa e a liberdade espiritual frente aos bens do Reino. Continua, nisto, o exemplo de Cristo, que fez suas todas as consequências da condição pecadora dos homens (of. Flp 2) e que sendo «rico se fez pobre» (2 Cor 8,9) para salvar-nos” (MED 14).

Um terço de todas as citações bíblicas dos 16 documentos de Medellín, encontram-se nestes três parágrafos e desvelam a raiz bíblica - profética e messiânica – da interpelação que nos vem dos pobres e do exemplo de Jesus que sendo “rico fez -se pobre, para nos salvar”, como diz a Carta de Paulo aos Coríntios (2 Cor. 8, 9).

Prossegue o texto de Medellín”

“Três conclusões emergem deste pano de fundo bíblico:

Neste contexto, uma Igreja pobre:

- Denuncia a carência injusta dos bens deste mundo e o pecado que a engendra.
- Prega e vive a pobreza espiritual como atitude de infância espiritual e abertura para o Senhor.
- Compromete-se ela mesma com a pobreza material. A pobreza da Igreja é, com efeito, uma constante na história da salvação” (MED 14).

A Teologia da Libertação, como foi tematizada por Gustavo, parte ao mesmo tempo da realidade do pobre e da realidade de Deus que ouve o clamor do seu povo e resolve libertá-lo (Ex 3,

---

<sup>16</sup> Apresentação, in GODOY Manoel e AQUINO JUNIOR, Francisco, 50 Anos de Medellín. Revisitando os textos, retomando o caminho. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 7.

7-8). Trata-se do mesmo Deus, que se apresenta como Aquele que se coloca ao lado do “pobre, do órfão, da viúva e do estrangeiro” (Sl 68, 5), como seu defensor e libertador.

Gustavo já havia antecipado numa conferência em Chimbote, em julho de 1968, antes mesmo do início da Conferência de Medellín, o que estava em jogo na vida do continente. A conferência trazia por título: *Hacia una teologia de Liberación* e só foi publicada no ano seguinte<sup>17</sup>.

Gustavo sempre insistiu na raiz espiritual de sua teologia. Enganam-se, pois, os que, equivocada e, por vezes, maldosamente, insinuam que a opção pelos pobres e a teologia que daí deriva, se reduz a um sociologismo ou a um marxismo mal disfarçado.

O Papa Bento XVI, no seu discurso de abertura da V Conferência em Aparecida, a 13 de maio de 2007, resumiu de maneira lapidar a fonte primeira e o enraizamento cristológico da opção pelos pobres e da teologia que a tematizou: “a opção preferencial pelos pobres encontra-se implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre para nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2 Co 8, 9)<sup>18</sup>.

### **Repensar toda a teologia, a partir dos empobrecidos e de sua libertação**

Com a eleição em 1972 de Mons. Alfonso Lopez Trujillo para a secretaria geral do CELAM, os teólogos latino-americanos que haviam sido atores fundamentais na Conferência de Medellín, foram inteiramente excluídos de Puebla (1979) e, depois, de Santo Domingo (1992), do Sínodo da América (1997) e da V Conferência Geral de Aparecida (2007).

Em Puebla, porém, um numeroso grupo de teólogos (as teólogas estarão muito ativas em Santo Domingo e sobretudo Aparecida), ficou reunido numa casa fora do Seminário Palafoxiano e colocou-se a serviço da Conferência. Manteve uma intensa troca de informações, documentos e rascunhos de intervenções de bispos amigos e contribuições para os textos em elaboração nas comissões em que se subdividiu a Assembleia.

Naquelas semanas de intenso convívio e labor de reflexão em contato com as preocupações e esperanças da Igreja toda, dos conflitos e embates dos que queriam fazer de Puebla a sepultura de

---

<sup>17</sup> O texto não está disponível em português, mas foi publicado em inglês: GUTIÉRREZ, Gustavo, *Toward a Theology of liberation* (July 1968), in HENNELLY T. Alfred (editor), *Liberation Theology – A documentary History*. New York: Orbis, 1990, pp. 62-76.

<sup>18</sup> SESSÃO INAUGURAL DOS TRABALHOS DA V CONFERÊNCIA GERAL DO-EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE - DISCURSO DO PAPA BENTO XVI Sala das Conferências - Santuário de Aparecida - Domingo, 13 de maio de 2007, Parágrafo 3º. in [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070513\\_conference-aparecida.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html) Página visitada em 14/06/2021.

Medellín e de sua teologia e dos queriam confirmar suas opções e dar um passo à frente, começou a ser gestada, ali, a ambiciosa proposta de se propor a libertação como chave de leitura e inspiração para se repensar o conjunto da teologia em perspectiva latino-americana.

Nos encontros preparatórios realizados em Petrópolis, a partir de 1982, as intervenções de Gustavo muito contribuíram para se pensar a arquitetura geral do projeto que foi denominado: Coleção Teologia e Libertação<sup>19</sup>.

Mais de cem colaboradores/as aceitaram participar do projeto, mesmo com as pressões contrárias vindas do CELAM e de Roma, através das nunciaturas. Estas urgiam das conferências episcopais que barrassem o projeto nos seus países e os bispos advertissem os teólogos, seus diocesanos, para que não participassem daquela iniciativa.

O núncio apostólico na Argentina perante a Conferência episcopal disse que a Santa Sé não estava de acordo com aquela “maledetta colana”, que estava sendo organizada e não tinha ainda nenhum texto escrito e muito menos publicado.

Ao mesmo tempo, Roma, para desacreditar a T&L tentou atingir diretamente seus dois teólogos mais em vista: Gustavo Gutierrez no Peru e Leonardo Boff no Brasil.

Por três vezes tentou Roma, sem sucesso, que a Conferência Episcopal Peruana tornasse pública uma nota de censura a Gustavo Gutierrez e à sua teologia. Sua condição de pároco em Rimac, bairro pobre da periferia de Lima; sua exemplar adesão eclesial e prudência teológica, aliada à inteira confiança de seu arcebispo, o Cardeal Juan Landázurri Ricketts OFM, presidente da Conferência Episcopal e de quem Gutiérrez era, de longa data, teólogo pessoal, assim como o respeito e amizade de que gozava em boa parte do episcopado peruano frustraram a tentativa romana, a última das quais aconteceu em Rom. Para este encontro, o cardeal Ratzinger em pessoa, veio para explicar os motivos pelos quais Roma pedia uma desautorização episcopal da teologia de Gustavo Gutierrez. Dessa vez, diante de um episcopado dividido meio a meio, foi o voto de minerva do presidente da Conferência, o Cardeal Landázurri que impediu que Conferência tomasse atitude contrária a Gustavo e à sua teologia.

---

<sup>19</sup> Para uma visão documentada dos passos da Coleção Teologia e Libertação e de suas vicissitudes, cfr. BEOZZO, José Oscar, O êxito das teologias da libertação e as teologias latino-americanas contemporâneas, in TREVISIOL, Alberto (a cura de), *In Ascolto dell'America*. Popoli, Culture, Religioni, Strade per il futuro. Roma: Urbanian University Press, 2014. Pp. 327- 380. Esse capítulo foi publicado no Brasil in São Leopoldo: IHU-UNISINOS, Cadernos de Teologia Pública Ano XII – número 93, vol. 12, 2015, pp. 65.

Passou-se então a buscar a condenação de outra figura de proa da teologia da libertação, como forma de desacreditar toda essa vigorosa corrente teológica. Sabedores de antemão que não poderiam contar com a Conferência Episcopal do Brasil para condenar um dos seus teólogos, foi aberto, sob protesto da Comissão Teológica da CNBB, processo contra Leonardo Boff diretamente na Congregação para a Doutrina da Fé, em Roma, sem passar pelas instâncias locais, como se havia tentado com o Peru.

De fato, Leonardo foi convocado a Roma para um “colóquio” na Congregação para a Doutrina da Fé.

Para constrangimento do Cardeal Ratzinger e, em desacordo com os procedimentos da Congregação, Boff chegou acompanhado pelo presidente da CNBB, Dom Ivo Lorscheiter, pelo presidente da Comissão Teológica da CNBB, o cardeal Dom Aloísio Lorscheider OFM e pelo cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns OFM, antigo professor de Leonardo Boff no Seminário franciscano de Petrópolis. Fora ele que o enviara à Alemanha para um doutorado, a fim de assumir o ensino teológico no Instituto Sagrado Coração de Jesus.

Sentiam esses responsáveis maiores pela Igreja do Brasil e, com muita razão, que com o processo ao teólogo buscava-se atingir e desautorizar a própria Igreja do Brasil, sua linha pastoral, sua intransigente defesa dos direitos humanos, sua destemida denúncia dos abusos do regime militar e seu apoio aos movimentos sociais que clamavam por justiça social e pelo retorno ao estado democrático de direito.

Em que pesem a defesa apresentada por Leonardo de sua teologia, o amplo respaldo a ele dado pela Conferência episcopal, as dezenas de milhares de cartas enviadas a Roma por simples integrantes das comunidades eclesiais de base, das pastorais sociais e de centros de defesa dos direitos humanos, por organismos da sociedade civil e integrantes do parlamento, foi-lhe imposto um ano de silêncio obsequioso, com a proibição de ensinar e publicar e seu afastamento da direção da revista REB (Revista Eclesiástica Brasileira)<sup>20</sup>.

O clima foi agravado pela publicação da Instrução *Libertatis Nuntius* (1984). Foi em meio a este clima borrascoso que o Conselho editorial, que estava integrado por Gustavo Gutierrez e

---

<sup>20</sup> Todo o desenrolar desse processo foi publicado um livro branco: MOVIMENTO NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS. *Roma locuta* – Documentos sobre o livro *Igreja, Carisma e Poder* de Frei Leonardo Boff. Petrópolis: Vozes-SIN, 1985.

Leonardo Boff e nove outros teólogos e teólogas foi buscar amparo e guarida junto a bispos latino-americanos<sup>21</sup>.

### **Comitê de Patrocínio da Coleção T&L**

Com o intuito de se obter esse resguardo eclesial, foi criado um Comitê de Patrocínio encabeçado pelo Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, vários arcebispos e numeroso grupo de bispos de todo o continente, do México à Argentina, incluindo também bispos dos Estados Unidos, Canadá e Espanha.

Do Peru, veio o apoio de seis bispos, o mesmo número de prelados do Equador e do Chile: Mons. José Dammert Bellido de Cajamarca; Mons. Alberto Koenigsnecht, bispo-prelado de Juli; Mons. Jesús Calderón OP de Puno; Mons. Francisco d'Alteroche, prelado de Ayaviri; Mons. Albano Quinn, prelado de Sicuani e Mons. Luciano Metzinger, bispo auxiliar de Lima.

O Brasil foi o país em que o maior número de bispos decidiu ingressar no Comitê de Patrocínio e apoiar a coleção. O nome do Cardeal de São Paulo vinha acompanhado pelos de alguns arcebispos, como Dom Helder Pessoa Camara de Olinda e Recife, PE; Dom José Maria Pires da Paraíba, PB; Dom Silvestre Scandian de Vitória, ES; Dom Romeu Alberti de Ribeirão Preto, SP. A eles somaram-se 76 outros bispos, num total de 81 prelados.

Vale reproduzir as palavras com que o Comitê de Patrocínio explicitou o sentido desse seu respaldo à Coleção. Essa declaração encimava os primeiros tomos publicados e vinha acompanhadas dos nomes dos signatários, o cardeal de São Paulo, arcebispos e bispos que emprestavam publicamente seu apoio à Coleção:

“O Comitê de Patrocínio saúda com alegria o lançamento da coleção “Teologia e Libertação” que recolhe e sistematiza as inspirações do Concílio Vaticano II, de Medellín, de Puebla, do Magistério da Igreja Universal e das Igrejas particulares e da experiência de vida, de fraternidade ecumênica, de fé e de martírio das comunidades cristãs da América Latina.

---

<sup>21</sup> <sup>21</sup> Do Conselho Editorial, passaram a fazer parte pelo Peru, Gustavo Gutierrez, na época padre diocesano da arquidiocese de Lima; pelo Brasil, Leonardo Boff, OFM, José Comblin, padre diocesano Fidei Donum na arquidiocese da Paraíba, PB, José Oscar Beozzo, padre diocesano da diocese de Lins, SP, Ivone Gebara, religiosa das Cônegas de Santo Agostinho; pelo Chile, Sérgio Torres, padre diocesano da arquidiocese de Santiago, acompanhado por seu colega de docência teológica, Ronaldo Muñoz SSCC; pela Venezuela, Pedro Trigo SJ; por El Salvador, Jon Sobrino SJ, pelo México, Enrique Dussel, leigo argentino; pelos chicanos nos Estados Unidos, Virgilio Elizondo, padre diocesano da arquidiocese de San Antonio TX. Integrado inicialmente por essas onze pessoas, o Conselho cresceu para treze titulares, após sua reunião de Buenos Aires, em agosto de 1984, quando se decidiu convidar para dele participar, o teólogo uruguaio Juan Luiz Segundo da Companhia de Jesus e o teólogo leigo metodista, também uruguaio, Julio de Santa Ana, secretário executivo do CESEEP, na qualidade de consultor para o ecumenismo. Foi o CESEEP quem ficou como a instituição juridicamente responsável pela Coleção.

Reconhecemos que esta coleção vem ao encontro da necessidade de que a fé, vivida em contexto de opressão e de libertação, seja aprofundada e aclarada teologicamente em todas as suas dimensões.

Nosso patrocínio não significa aprovação das opiniões pessoais expressas pelos distintos autores. Como Pastores, no quadro de um sadio pluralismo, apoiamos com simpatia e vigilância, esse esforço de reflexão teológica no interior e a serviço de nossas Igrejas”<sup>22</sup>.

Os três primeiros tomos da coleção saíram publicados em dezembro de 1985, com o “*nihil obstat*” do ordinário dos autores e sob o alto patronato do Comitê de Patrocínio, composto por 121 arcebispos e bispos.

O Cardeal Joseph Ratzinger, particularmente irritado com o amplo respaldo episcopal granjeado pela Coleção e dado a conhecer publicamente com a lista impressa no frontispício de cada livro, interveio imediatamente.

Em carta de 6 de janeiro de 1986 endereçada ao Superior Geral dos Franciscanos determinou que a Editora Vozes dos franciscanos de Petrópolis fosse proibida de prosseguir com a publicação dos livros da Coleção. Igual medida foi aplicada à editora dos Paulinos na Espanha e na Argentina. Não se ousou, entretanto, enviar tal tipo de proibição às editoras europeias e dos Estados Unidos, presumindo-se que não seria acatada e, ademais publicamente denunciada. São essas as editoras que não receberam a proibição vinda da Congregação da Doutrina para a Fé: Patmos Verlag e depois Grünnewald da Alemanha, Cerf de Paris, Burns and Oats da Inglaterra, Queriniana da Itália, Maryknoll dos Estados Unidos, Abadia de Averbode na Bélgica, para a edição em neerlandês.

Serão sempre dois pesos e duas medidas dentro da Igreja? A liberdade de pesquisa, de expressão e publicação no campo teológico não estão mais submetidas. desde o Concílio Vaticano II, a nenhum tipo de censura ou licença prévia. Não estão previstas igualmente no Código de Direito Canônico de 1984!

O crescente mal-estar na América Latina ganhou expressão pública no Brasil. Um arcebispo, Dom Fernando Gomes, de Goiânia GO, secundado por nove outros bispos, publicou nota, repudiando o silêncio imposto ao Leonardo Boff comparando-o à censura que o regime militar impunha à própria Igreja e às suas pastorais. Isso levou João Paulo II a convocar, para os dias 13 e 14 de março de 1986 a presidência da CNBB, os cardeais brasileiros e os presidentes dos 16 regionais da CNBB para um encontro de dois dias com o Papa e os cardeais responsáveis de todos os dicastérios romanos. Muitas das narrativas, por vezes fantasiosas e sem apoio na realidade, que circulavam pela Cúria Romana a

---

<sup>22</sup> O texto do Comitê de Patrocínio foi reproduzido do livro de HOORNAERT, Eduardo, Memória do Povo Cristão. Petrópolis: Vozes, em sua primeira edição de 1985. Foi um dos três primeiros a serem editados e recebeu o *imprimatur* do Cardeal Arcebispo de Fortaleza, CE, Dom Aloísio Lorscheider a 06 de agosto de 1985.

respeito da Igreja do Brasil tiveram que ser confrontadas com os fatos e a versão dos bispos responsáveis. Muitos mal entendidos foram desfeitos.

### **O difícil diálogo sobre a Coleção T&L e a carta do Papa ao episcopado brasileiro**

Um ponto álgido no diálogo em Roma era, porém, o apoio dos 81 bispos brasileiros, entre os quais um cardeal e vários arcebispos à Coleção Teologia e Libertação, apoio que fora secundado por uma quarentena de outros bispos latino-americanos, norte-americanos e espanhóis.

Isto levou a uma reunião suplementar entre Dom Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB, o Cardeal Aloísio Lorscheider e o Cardeal Paulo Evaristo Arns, com o Cardeal Ratzinger e o secretário Bovone da Congregação para Doutrina da Fé. Para surpresa dos presentes, Ratzinger convidou dois outros bispos brasileiros que se opunham à Teologia da Libertação, o Cardeal Eugênio de Araújo Sales do Rio de Janeiro e o arcebispo Dom Lucas Moreira Neves, naquele momento, à frente da secretária da Congregação dos Bispos.

A proposta primeira do Cardeal Ratzinger foi de que a coleção Teologia e Libertação fosse definitivamente suspensa. Diante da clara oposição manifestada pelo Cardeal Arns, em nome do direito de a Igreja latino-americana elaborar uma teologia que desse sustento e suporte às suas atividades pastorais e preparasse adequadamente do ponto de vista bíblico, teológico e social seus agentes de pastoral leigos e leigas, religiosos e religiosas e ministros ordenados. A segunda alternativa proposta foi que, mantida a coleção, fossem destituídos todos os integrantes do Conselho Editorial trocados por outros aprovados por Roma, não aceita igualmente. A proposta seguinte foi de que então o Conselho Editorial acolhesse teólogos de outras correntes teológicas aprovados por Roma. O Cardeal Arns objetou que havia total liberdade para que outras correntes teológicas organizassem coleções teológicas, com outra impostação, mas que aquela era uma coleção da Teologia da Libertação e que não deveria abrigar vozes que a ela se opunham. No final, aceitou-se que houvesse um comitê episcopal no seio da Igreja do Brasil, que fizesse uma apreciação prévia de cada volume, a título de contribuição para o discernimento do bispo responsável por conceder o *imprimatur*. Esse bispo, como prescreve o CDC, pode ser tanto bispo do autor, como o bispo da diocese, onde se encontra a Editora.

A reunião terminou com um jantar com o Papa onde foi relatado o acordo alcançado seguido do comentário do Papa, sobre a importância e o direito de se ter na Igreja, com as devidas cautelas, também uma teologia da libertação.

Semanas depois o Papa João Paulo II enviou ao Brasil o Cardeal Bernardin Gantin, Prefeito da Congregação dos Bispos e Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina. Veio com uma dupla incumbência: a de anunciar a suspensão do silêncio obsequioso imposto a Leonardo Boff e a de entregar à Assembleia da CNBB, reunida naquele mês de em abril de 1986, uma carta muito pessoal do Papa.

De certo modo, a Carta que o Papa João Paulo II escreveu à Igreja do Brasil, caminhava na mesma direção, ao pedir explicitamente ao episcopado brasileiro que acompanhasse a reflexão da Teologia latino-americana da Libertação. O Papa, depois de afirmar na Carta:

“[...] Estamos convencidos, nós e os Senhores de que a teologia da libertação é não só oportuna, mas útil e necessária”, prosseguia:

“Penso que, nesse campo, a Igreja do Brasil possa desempenhar um papel importante e delicado ao mesmo tempo: o de criar espaço e condições para que se desenvolva, em perfeita sintonia com a fecunda doutrina contida nas duas citadas Instruções [*Libertatis Nuntius* e *Libertatis Conscientia*], uma reflexão teológica plenamente aderente ao constante ensinamento da Igreja em matéria social e, ao mesmo tempo, apta a inspirar uma práxis eficaz em favor da justiça social e da equidade, da salvaguarda dos direitos humanos, da construção de uma sociedade humana baseada na fraternidade e na concórdia, na verdade e na caridade. Deste modo, se poderia romper a pretensa fatalidade dos sistemas – incapazes, um e outro, de assegurar a libertação trazida por Jesus Cristo --, o capitalismo desenfreado e o coletivismo ou capitalismo de Estado (cf. *Libertatis Conscientia*, n<sup>os</sup>. 10 e 13). Tal papel, se cumprido, será certamente um serviço que a Igreja do Brasil pode prestar ao País e ao quase-Continente latino-americano, como também a muitas outras regiões do mundo onde os mesmos *desafios* se apresentam com análoga gravidade.

Para cumprir esse papel, é insubstituível a ação sábia e corajosa dos pastores, isto é, dos Senhores. Deus os ajude a velar incessantemente para que aquela correta e necessária teologia da libertação se desenvolva, no Brasil e na América Latina, de modo homogêneo e não heterogêneo com relação à teologia de todos os tempos, em plena fidelidade à doutrina da Igreja, atenta a um amor preferencial não excludente nem exclusivo para com os pobres”<sup>23</sup>.

A atitude pessoal do Papa, conciliatória e positiva, não foi secundada pelos setores mais intransigentes da Cúria Romana.

Foram ainda laboriosos os encaminhamentos posteriores para se cumprir o acordado em Roma e se voltar a publicar os tomos seguintes da Coleção que continuou encontrando obstáculos e resistências.

---

<sup>23</sup> João Paulo II, *Mensagem do Santo Padre ao Episcopado do Brasil*. Vaticano, 9 de abril de 1986. São Paulo: Loyola, 1986, n<sup>o</sup>. 5.

Mesmo com esses percalços foram publicados pela Coleção 28 dos 54 tomos inicialmente previstos.

O tomo de Gustavo Gutierrez sobre a Espiritualidade da Libertação, em parceria com Frei Betto foi um daqueles que, infelizmente, não chegou a ser publicado, privando-nos de reflexão sobre a espiritualidade, tão necessária para a caminhada eclesial da Igreja na América Latina.

### **Teologia construída junto com o povo e para o povo**

Uma das iniciativas mais fecundas e felizes do ministério pastoral e teológico de Gustavo foi o Curso de Verão iniciado em Lima, em 1970 numa parceria entre a Universidade Católica e o Centro Bartolomé de las Casas e que recebeu o nome de Jornadas de Reflexão Teológica.

Havia por detrás uma intuição certa. Numa Igreja, Povo de Deus, a teologia não podia ser um estudo e uma reflexão de clérigos e reservados apenas para os clérigos, mas sim produzida a partir da vida e das interrogações do povo de Deus e destinada a alimentar a caminhada pastoral e espiritual das comunidades. Membros de base e dirigentes leigos das comunidades foram sempre os destinatários e os sujeitos primeiros das Jornadas.

O fato de atrair cerca de três mil participantes de todo o país, tornou-se um evento capaz de propiciar uma fecunda partilha de saberes pelo intercâmbio entre grupos e comunidades, de criar redes de apoio mútuo e de solidariedade, de gerar um sentimento de pertença a uma Igreja em que os pequenos tinham seu lugar, vez e voz. O fato de se tornarem protagonistas, de não se sentirem sozinhos e isolados faz com que retornem às suas comunidades, fortalecidos na fé, renovados em sua esperança, capazes de novas iniciativas e de não esmorecem frente às adversidades. Estava por detrás das Jornadas, a convicção de que uma ação pastoral que não estivesse alicerçada num conhecimento crítico e fundamentado da realidade econômica, social, política e cultural e que não estivesse respaldada por uma sólida reflexão bíblica e teológica tinha fôlego curto e não podia ir muito longe. Havia, por outro lado, a certeza de que uma teologia que não partisse da vida do povo e não estivesse comprometida com a transformação de sua injusta pobreza e opressão tornava-se irrelevante e perniciosa.

As Jornadas de Lima que já chegam aos seus cinquenta anos de ininterrupto serviço à formação nas comunidades eclesiais e movimentos sociais, serviram de inspiração para que, em São Paulo, o CESEEP (Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Popular), começasse a discutir a criação de um Curso de Verão em moldes semelhantes ao que era realizado em Lima.

Depois de consultas aos responsáveis no Peru e de dois anos de intensa troca de ideias com as lideranças populares da periferia de São Paulo, com a rede das CEBs de todos o país, a Pastoral da Juventude dos Meios Populares e as Pastorais sociais, o CESEEP iniciou, em janeiro de 1988, em parceria com a PUC de São Paulo, com o nome de Curso de Verão. um programa de formação de caráter popular, ecumênico, de abrangência nacional, realizado todo ele em mutirão e sustentado por um numeroso corpo de voluntários e voluntárias. Está em preparação o 35º. Curso de Verão que, por causa da pandemia, será realizado on-line. Aos 25 anos foi realizado um seminário, dado um balanço do caminho percorrido e lançado um livro de memória, avaliação e de busca de novos caminhos para o futuro<sup>24</sup>.

Graças, Gustavo e a toda a equipe de colaboradores/as e participantes das Jornadas, por mais esta preciosa semente lançada no Peru e que frutificou no em vários lugares do Brasil, na Argentina e noutras partes do continente.

José Oscar Beozzo

jbeozzo@terra.com.br

São Paulo, 12 de outubro de 2021

---

<sup>24</sup> POSSANI, Lourdes de Fátima P., SANCHEZ, Wagner Lopes (Org.) *Formação Ecumênica e Popular feita em Mutirão. Curso de Verão 25 Anos*. São Paulo: CESEEP e Paulus, 2011.